



QUANDO A DOCTRINA DO FIM DOS TEMPOS

REESCREVE O CRISTIANISMO

NEM TODA DIVERGÊNCIA SOBRE O FIM DOS TEMPOS É IGUAL.
ALGUMAS DIFERENÇAS SÃO SECUNDÁRIAS,
ENQUANTO OUTRAS ALTERAM OS FUNDAMENTOS DA FÉ CRISTÃ.


revista cristã
última chamada

JASON L. BRADFIELD

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

Quando a Doutrina do Fim dos Tempos Reescreve o Cristianismo



Nem toda divergência sobre o fim dos é igual,
algumas diferenças são secundárias,
enquanto outras alteram os fundamentos da Fé Cristã.



Jason Bradfield



Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

**Quando a Doutrina do
Fim dos Tempos
Reescreve o Cristianismo**

*Nem toda divergência sobre o fim dos é igual,
algumas diferenças são secundárias,
enquanto outras alteram os fundamentos da Fé Cristã.*

Autor: Jason Bradfield

Site: <https://www.reformation.blog/>
Acessado dia 26/06/2026

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem criada via IA)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

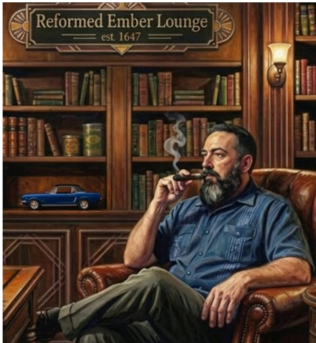
Porto Belo – Santa Catarina

Junho de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	08
1. Escatologia que reescreve o cristianismo. O que é considerado escatologia aceitável?	10
2. Os Sete Lugares da Teologia: Mantendo a Escatologia em Contexto	12
3. Escatologia Essencial vs. Escatologia Não Essencial (Mantendo-se Fiel à “Bem-Aventurada Esperança”)	16
4. Coerência Teológica: Como uma Doutrina Afeta as Outras	24
Conclusão	32
Obras importantes para pesquisa...	34

Sobre o Autor



Jason L Bradfield é pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana Reformada de Cristo | Presidente Interino: Seminário e Faculdade Teológica de Whitefield.

Administra o site <https://www.reformation.blog/>

Apresentação

Vivemos em uma época em que a escatologia desperta intenso interesse, mas também profundas controvérsias. Ao lado de interpretações historicamente aceitas pela Igreja, surgem sistemas que, sob a alegação de oferecer uma leitura mais coerente das profecias bíblicas, acabam redefinindo verdades centrais da Fé Cristã. É justamente esse desafio que torna este e-book tão oportuno.

Nesta obra, Jason L. Bradfield demonstra que nem toda divergência escatológica possui o mesmo peso. Há diferenças legítimas entre cristãos fiéis quanto a aspectos secundários das profecias, mas também existem interpretações que ultrapassam os limites da Ortodoxia Cristã ao negar doutrinas fundamentais, como a Segunda Vinda visível de Cristo, a ressurreição corporal dos mortos, o Juízo Final e a restauração da criação.

O grande mérito deste trabalho está em oferecer critérios bíblicos e teológicos para distinguir uma simples divergência interpretativa de um erro que compromete toda a estrutura da Fé Cristã. Em vez de tratar a escatologia como um tema isolado, o autor demonstra como ela está profundamente ligada à doutrina de Deus, da salvação, da Igreja e da própria Pessoa de Cristo. Quando a escatologia é distorcida, inevitavelmente outras doutrinas também sofrem as consequências.

Escrito com clareza, firmeza e profundo respeito pelas Escrituras, este estudo serve tanto para estudantes de teologia quanto para

pastores e cristãos que desejam compreender por que algumas posições podem ser debatidas fraternalmente, enquanto outras precisam ser rejeitadas por colocarem em risco a esperança do Evangelho.

Minha oração é que a leitura destas páginas fortaleça sua confiança na Palavra de Deus e renove sua expectativa pela bendita esperança da Igreja: a gloriosa Volta do Senhor Jesus Cristo, a ressurreição dos santos e a consumação do Reino eterno de Deus.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã Última Chamada

1

Escatologia que reescreve o cristianismo O que é considerado escatologia aceitável?

Muitas pessoas dizem que a escatologia (a doutrina das “últimas coisas”) é uma área não essencial da teologia. Afinal, cristãos sinceros discordam sobre o milênio ou a tribulação. Eles apontam que até mesmo muitas denominações permitem diferenças como o amilenismo versus o pós-milenismo dentro da igreja. Então, por que não permitir ainda mais variações? Por exemplo, os hiperpreteristas (também chamados de preteristas plenos) acusam as igrejas tradicionais de hipocrisia: “Vocês concordam conosco em muitos pontos. Se a escatologia não é essencial, por que não permitir também a nossa visão?” Eles argumentam que, já que consideramos algumas visões sobre o fim dos tempos como diferenças permissíveis, qualquer visão da escatologia deveria ser tolerada.

Essa é uma pergunta pertinente. Onde permitimos discordâncias sobre escatologia, e quais diferenças são tão sérias a ponto de se tornarem heresia? Como respondemos a alguém que diz: “A escatologia não é essencial; contanto que todos amemos Jesus, não importa o que acreditamos sobre profecia”? Além disso, o que acontece se você se deparar com uma visão escatológica que não se encaixa nas opções mais comuns (nem amilenista, nem pós-milenista, nem pré-milenista)? Como devemos avaliá-la? A própria Bíblia permite traçar linhas divisórias e afirmar que algumas variações são aceitáveis enquanto outras não? Essa estrutura surgiu do meu próprio

estudo após deixar o hiperpreterismo¹ e tem como objetivo ajudar outras pessoas a lidar com essas questões de forma equilibrada e com base na Bíblia.

Antes de abordarmos dois princípios fundamentais para avaliar as visões escatológicas, é útil enquadrar a questão no panorama mais amplo da doutrina cristã. Isso nos ajudará a compreender por que alguns erros na escatologia são mais perigosos do que outros.

¹ **Nota do Tradutor** – Hiperpreterismo é a heresia que diz que todas as profecias bíblicas, sem exceção, se cumpriram no tempo da Igreja primitiva na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Essa heresia também vem disfarçada como Preterismo Completo, Preterismo Total, Escatologia Realizada, Escatologia Plena.

2

Os Sete Lugares da Teologia: Mantendo a Escatologia em Contexto

Na teologia sistemática tradicional, a doutrina cristã é organizada em sete loci² principais (categorias ou tópicos). Compreender essas categorias mostra como a escatologia se encaixa no panorama geral da verdade e como um erro em uma área pode afetar outras. Os sete loci clássicos são:

Prolegômenos – A palavra vem do grego e passa pelo latim, significando “dizer antecipadamente”. Envolve observações preliminares ou questões fundamentais: nossos princípios iniciais, incluindo a doutrina das Escrituras e como abordamos a teologia (por exemplo: O que é a Bíblia? Como conhecemos a verdade? Como interpretamos as Escrituras?).

Teologia Própria – A doutrina do próprio Deus: a natureza e os atributos de Deus, a Santíssima Trindade, os decretos eternos de Deus e as obras de criação e providência de Deus (quem é Deus e o que Ele decretou e fez ao criar e sustentar o mundo?).

² **Nota do Tradutor** - *Loci* é uma palavra em latim e significa "lugares". É o plural de *locus*, que significa lugar, posição ou local.

Antropologia – A doutrina da humanidade: nossa criação à imagem de Deus, a natureza humana, a queda no pecado e suas consequências (quem somos nós e qual é a nossa condição perante Deus?).

Cristologia – A doutrina da pessoa e da obra de Cristo: a identidade de Jesus (plenamente Deus e plenamente homem, o Filho de Deus) e sua obra redentora por meio de sua vida, morte, ressurreição e ascensão (quem é Jesus Cristo e o que Ele realizou para nos salvar?).

Soteriologia – A doutrina da salvação: como a obra de Cristo é aplicada a nós pelo Espírito Santo, abrangendo eleição, chamado, regeneração, fé e arrependimento, justificação, santificação, perseverança e glorificação (como nós, pecadores, recebemos a salvação e experimentamos a obra do Espírito Santo em nossas vidas?).

Eclesiologia – A doutrina da igreja: a natureza da Igreja de Cristo, os meios da graça (Palavra e Sacramentos/ordenanças), o governo da igreja e a missão e comunidade do povo de Deus (o que é a Igreja e como Deus age nela e por meio dela?).

Escatologia – A doutrina das últimas coisas: a consumação do plano de Deus, incluindo o retorno de Cristo, a ressurreição dos mortos, o juízo final e a era vindoura (céu, inferno e o estado eterno nos novos céus e na nova terra). (Como o plano de redenção de Deus será concluído e qual é a nossa esperança para o futuro?).

A título de esclarecimento: alguns teólogos expandiram esse esquema, por exemplo, tratando a Pneumatologia (a doutrina do Espírito Santo) como uma categoria própria, em vez de subsumir a obra do Espírito na Soteriologia. Se incluíssemos a Pneumatologia separadamente, teríamos oito loci em vez de sete. Para os nossos propósitos aqui, manteremos as sete categorias tradicionais listadas acima.

Essa estrutura nos lembra que nossas crenças estão interligadas. A teologia não é um buffet onde se pode escolher pedaços aleatórios à vontade; é mais como uma tapeçaria ou um mapa. A escatologia, em particular, não existe isoladamente do restante daquilo em que cremos. Nossas conclusões sobre as “últimas coisas” serão moldadas por, e por sua vez moldarão, nossa compreensão do caráter de Deus, da obra de Cristo, da salvação, da natureza da igreja e assim por diante.

Considere a seguinte analogia: imagine duas pessoas partindo da mesma cidade (por exemplo, Lakeland, Flórida), mas seguindo rotas diferentes. Elas dirigem para o norte pela Avenida Flórida até chegarem à Interestadual 4. Após duas horas, uma delas chega bem a oeste (em São Petersburgo), enquanto a outra chega bem a leste (em Orlando). Como elas acabaram em direções opostas depois de terem partido juntas? Em algum momento anterior, uma delas fez uma curva diferente. Uma seguiu para oeste na Interestadual 4, a outra para leste.

Da mesma forma, quando dois cristãos chegam a conclusões muito diferentes sobre o fim dos tempos, isso geralmente ocorre porque, em algum ponto anterior de sua jornada teológica, houve uma “bifurcação no caminho”: uma diferença na interpretação das Escrituras ou na compreensão de uma doutrina fundamental que os levou a um caminho diferente. Em outras palavras, uma escolha errada em uma área da teologia pode levar a um destino errado em outra.

Com isso em mente, a questão da escatologia aceitável versus inaceitável pode ser abordada sob duas perspectivas:

Dentro da própria escatologia: distinguir doutrinas essenciais de especulações não essenciais (ou seja, o que todo cristão deve afirmar sobre as “últimas coisas” e onde podemos legitimamente discordar?).

Em um panorama teológico mais amplo: Avaliar como uma determinada visão do fim dos tempos afeta ou surge de outras doutrinas (ou seja, essa escatologia permanece consistente com os fundamentos estabelecidos em outros locais, ou força um “desvio” para o erro em outro ponto?).

Ao aplicar essas duas considerações, fica claro por que certas diferenças escatológicas são tratadas como diversidade aceitável na igreja, enquanto outras visões são rejeitadas como erros graves. Vamos examinar cada abordagem por sua vez.

3

Escatologia Essencial vs. Escatologia Não Essencial

(Mantendo-se Fiel à “Bem-Aventurada Esperança”)

Quando os cristãos chamam alguma doutrina de “não essencial”, isso não significa que ela seja irrelevante. Toda a Palavra de Deus tem peso e nos foi dada para instrução. Paulo diz em 2 Timóteo 3:16-17 que “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. Portanto, mais uma vez, chamar algo de “não essencial” não significa que seja trivial ou insignificante.

Na verdade, não essencial significa que não é fundamental para a essência do evangelho. Não é algo necessário para que uma pessoa confie em Cristo para a salvação. Em escatologia, há muitas questões que os cristãos debatem há séculos, embora se reconheçam como irmãos na fé. Por exemplo, cristãos que creem na Bíblia têm diferentes interpretações sobre a natureza do milênio em Apocalipse 20 (será uma futura era de ouro na Terra ou uma descrição simbólica da era da igreja?), sobre a sequência de eventos que cercam o retorno de Cristo ou sobre como entender as imagens do livro de Apocalipse. Essas diferenças, desde que permaneçam dentro dos limites bíblicos, são diferenças não essenciais. Podemos discuti-las e debatê-las, mas

não consideramos alguém herege por ter visões amilenistas, pós-milenistas ou pré-milenistas históricas. Todas essas visões pertencem à família do cristianismo ortodoxo. Muitos desses debates são divergências internas entre os fiéis. Podemos discutir vigorosamente, por exemplo, o que significa “666” ou quem é o “homem da iniquidade” (uma pessoa específica? um cargo? passado, presente ou futuro?). Essas são perguntas válidas, mas não definem o evangelho.

Contudo, no estudo da escatologia, existe um núcleo de doutrinas essenciais. Essas são as verdades que definem nossa “bem-aventurada esperança” como cristãos (Tito 2:13). Essas verdades são tão centrais que negá-las é minar o próprio evangelho. Paulo escreveu em Tito 2:11-14:

“Pois a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos a bendita esperança: a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo, que se entregou por nós para nos redimir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo zeloso de boas obras”.

Com base nas Escrituras, a igreja histórica identificou pelo menos quatro doutrinas escatológicas inegociáveis que todos os cristãos ortodoxos devem afirmar. Vemos esses ensinamentos claros nas Escrituras e refletidos nos grandes credos e confissões da Reforma:

O Retorno Corporal e Visível de Jesus Cristo: Jesus Cristo voltará pessoalmente no fim dos tempos em glória. Seu retorno não será um evento invisível ou meramente espiritual, mas uma vinda literal que todos os olhos verão. Como os anjos disseram aos apóstolos na ascensão de Cristo: “Este mesmo Jesus, que dentre vós foi elevado ao céu, há de vir assim como para o céu o vistes subir”. A segunda vinda de Cristo é uma promessa proeminente nas Escrituras (ver Mateus 24:30; João 14:3; Atos 1:11; Apocalipse 1:7). Somos

instruídos a vigiá-la e ansiar por ela. Paulo a chama de nossa “bem-aventurada esperança” — “aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tito 2:13). Qualquer visão que diga que Jesus não voltará pessoal e corporalmente no futuro contradiz diretamente as Escrituras e rouba dos crentes essa bem-aventurada esperança. Tal ensinamento não pode ser tratado como uma diferença amigável; ele atinge a própria promessa de Cristo.

A Ressurreição Corporal dos Mortos: No retorno de Cristo, haverá uma ressurreição literal dos corpos humanos, tanto dos crentes (para a vida eterna) quanto dos incrédulos (para o julgamento) (João 5:28-29; Atos 24:15). Paulo afirmou essa esperança, dizendo: “Haverá ressurreição tanto de justos como de injustos” (Atos 24:14-15). A ressurreição física do corpo é um dos pilares da esperança cristã. Em 1 Coríntios 15, Paulo enfatiza que “Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, a nossa fé é inútil”. Nosso evangelho desmorona sem a ressurreição! Além disso, a própria ressurreição de Jesus é “as primícias” e a garantia da futura ressurreição daqueles que lhe pertencem (1 Coríntios 15:20-23). As Escrituras prometem que, quando Jesus vier, “os mortos em Cristo ressuscitarão” e “o próprio Senhor descerá do céu com um brado de comando... e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1 Tessalonicenses 4:16). Os crentes que estiverem vivos na Sua vinda também serão transformados (1 Coríntios 15:51-52). Essa esperança de um corpo glorificado e ressuscitado é essencial para a visão cristã da salvação. Deus está redimindo não apenas nossas almas, mas também nossos corpos e, de fato, a própria criação (Romanos 8:21-23). Portanto, qualquer escatologia que negue uma futura ressurreição corporal (afirmando, por exemplo, que a ressurreição é apenas “espiritual” ou que já aconteceu no passado) é uma heresia grave. O apóstolo Paulo considerava tal ensinamento absolutamente inaceitável. Ele advertiu que Himeneu e Fileto estavam “perturbando a fé de alguns” ao dizerem que “a ressurreição já aconteceu”. Paulo disse que esse tipo

de conversa “se espalhará como gangrena”. Na verdade, Paulo anteriormente “entregou” Himeneu a Satanás por seu ensinamento blasfemo (provavelmente referindo-se à excomunhão – veja 1 Timóteo 1:19-20). As Escrituras chamam a negação da ressurreição futura de um erro destrutivo e devastador para a fé, não de uma pequena discordância.

O Juízo Final: A Bíblia testemunha consistentemente que a história caminha para um dia final em que Deus, por meio de Jesus Cristo, julgará todos os seres humanos (e até mesmo os anjos). Jesus retornará como Juiz. Numerosas passagens falam desse vindouro “Dia do Senhor” ou Dia do Juízo. Por exemplo: “Ele (Deus) estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio do Homem que designou” (Atos 17:31). Hebreus 9:27 diz: “Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o juízo”. O próprio Jesus descreveu o juízo final em Mateus 25:31-46 (a separação das ovelhas e dos bodes). Naquele dia, todas as coisas ocultas serão reveladas (Romanos 2:16), e cada um de nós deverá prestar contas perante o tribunal de Cristo (2 Coríntios 5:10). Os destinos eternos serão anunciados: vida eterna no reino para os redimidos de Cristo e punição eterna (o inferno, descrito como o “lago de fogo” em Apocalipse 20:15) para os impenitentes. Essa doutrina da prestação de contas final e da justiça suprema está intimamente ligada à nossa compreensão da santidade de Deus, ao problema do mal e à necessidade da salvação. Negar um julgamento futuro geralmente anda de mãos dadas com a negação da ressurreição (já que as Escrituras frequentemente as relacionam). Qualquer escatologia que diga “não há um Dia do Juízo final” (ou que tudo é apenas metafórico e já passou) está rejeitando o claro ensinamento bíblico e, na prática, dizendo que Deus não restaurará todas as coisas. Isso minaria tanto a urgência do chamado do evangelho ao arrependimento (Atos 17:30-31) quanto o consolo de que a justiça de Deus finalmente prevalecerá. Portanto, essa doutrina também é inegociável. Como afirma sucintamente o Credo dos Apóstolos: “Ele há de vir para julgar os vivos e os mortos”.

A Consumação de Todas as Coisas (Novos Céus e Nova Terra): Finalmente, a Bíblia apresenta uma promessa maravilhosa para o mundo vindouro, a renovação da criação. Somos ensinados a olhar além deste mundo caído, para “um novo céu e uma nova terra, onde habita a justiça” (2 Pedro 3:13). Quando Cristo retornar, Ele “fará novas todas as coisas” (Apocalipse 21:5). A maldição será completamente removida, a morte não existirá mais e Deus habitará abertamente com o Seu povo (Apocalipse 21:3-4). Este futuro final é por vezes chamado de consumação ou estado eterno. Inclui a derrota de todos os inimigos de Deus (incluindo a própria morte) e o cumprimento final de todas as promessas de Deus de redimir a criação (ver 1 Coríntios 15:24-26; Romanos 8:19-21). Nossa esperança não é em alguma existência espiritual desencarnada, mas em uma vida ressuscitada em um cosmos renovado. Esses “novos céus e uma nova terra”, nos quais “a morada de Deus está com os homens” (Apocalipse 21:3), representam o belo clímax da narrativa bíblica. Portanto, qualquer ensinamento que afirme que este mundo continuará para sempre como está (com o pecado e a morte persistindo indefinidamente), ou que a prometida nova criação já chegou em sua plenitude, está em desacordo com as Escrituras. O apóstolo Pedro nos advertiu sobre os zombadores que dizem: “Onde está a promessa da sua vinda?... tudo continua como antes” (2 Pedro 3:3-4). Mas Pedro insiste que o plano de Deus está em andamento. O aparente atraso é misericórdia, não fracasso. O dia do Senhor virá, e “estamos aguardando novos céus e uma nova terra”, conforme a promessa de Deus (2 Pedro 3:10-13). Afirmar que a era vindoura já chegou em sua plenitude, de modo que não há glória futura a aguardar, é roubar dos crentes a esperança que as Escrituras nos encorajam a ter. É, em essência, uma negação espiritualizada da nossa herança prometida. O Novo Testamento diz que “provamos... os poderes da era vindoura” (Hebreus 6:5), mas ainda aguardamos o glorioso cumprimento do reino de Deus no futuro.

Essas quatro áreas, a saber, a segunda vinda visível de Cristo, a ressurreição dos mortos, o juízo final e a renovação da criação, são fundamentos essenciais da escatologia bíblica. Elas são claramente ensinadas nas Escrituras e foram confessadas pela igreja em todas as épocas. Elas moldam nossa esperança como cristãos. Qualquer visão que negue ou anule essas doutrinas não é apenas uma variante inofensiva; ela destrói o cerne da fé cristã e a esperança que acalentamos. Não podemos chamar tal visão de "cristã" em nenhum sentido significativo, porque ela subverte o que as Escrituras chamam de bem-aventurada esperança.

Por exemplo, se alguém aparece e diz: “Jesus já retornou (no passado), então não há uma segunda vinda futura; a ressurreição é apenas espiritual, sem ressurreição corporal futura; o julgamento final já aconteceu; e o mundo como é agora (ainda cheio de pecado, sofrimento e morte) é o 'novo céu e a nova terra'”, essa pessoa não está apresentando uma visão cristã permitida. Ela está, na verdade, pregando uma religião diferente. No entanto, é exatamente isso que o hiperpreterismo (também chamado de preterismo total) ensina. Os preteristas totais afirmam que todas as profecias bíblicas sobre o fim foram cumpridas no ano 70 d.C., com a destruição de Jerusalém. Eles dizem que Cristo “veio” invisivelmente, em julgamento, no ano 70 d.C., a ressurreição já passou e o julgamento final já ocorreu. Como resultado, eles precisam redefinir a ressurreição para significar algo como um novo nascimento espiritual ou um evento corporativo passado, e sugerem que agora estamos vivendo no reino realizado, com Satanás preso e tudo mais. Em essência, eles afirmam que este mundo presente, ainda sob a maldição, é a vida após a morte. Tal visão contradiz frontalmente o evangelho apostólico. Paulo afirma que, se a ressurreição já ocorreu, os falsos mestres “destroem a fé de alguns”. Ele chega a equiparar a negação da nossa ressurreição futura à negação da ressurreição de Cristo, o que significa que, se os preteristas completos estivessem certos, Cristo ainda estaria no túmulo e a nossa fé seria vazia. Não é de admirar que Paulo chame esse ensinamento de gangrena que se espalha (2 Timóteo 2:17-18) e

diga que a blasfêmia de Himeneu merecia excomunhão (1 Timóteo 1:19-20). Em suma, qualquer escatologia que retire a bendita esperança da igreja na vinda, ressurreição e juízo de Cristo é fundamentalmente inaceitável. Não podemos simplesmente discordar sobre esses pontos, porque perder essas verdades significa perder a fé.

Por outro lado, se uma visão do fim dos tempos sustenta todos esses pontos essenciais, então temos espaço para aceitá-la como uma interpretação legítima, embora diferente, mesmo que possamos considerá-la incorreta em detalhes secundários. Por exemplo, considere o amilenismo versus o pós-milenismo. Um espera um crescimento constante do reino de Cristo, levando a uma era gloriosa na Terra antes do retorno de Cristo. O outro espera que a era da igreja continue com o conflito entre o bem e o mal até que Cristo retorne para consumir o reino. Essas são expectativas diferentes sobre como a história se desenrolará, mas observe que ambas as visões ainda acreditam firmemente que Cristo retornará pessoalmente, os mortos ressuscitarão, Cristo julgará todas as pessoas e Ele inaugurará o estado final de uma nova criação. Esses pontos essenciais não estão em questão, portanto, ambas as visões se enquadram no cristianismo ortodoxo. Esses são debates internos. Podemos até estender a tolerância ao pré-milenismo histórico, onde Cristo retorna antes de um reino milenar na Terra, desde que essa visão pré-milenista não introduza ideias que neguem os pontos essenciais. Os pré-milenistas históricos também afirmam os mesmos eventos centrais do fim dos tempos; Eles simplesmente propõem uma era milenar adicional entre essas duas. Por isso, classificamos esses debates como questões não essenciais. Mas são importantes? Sim. Nossas conclusões sobre esses assuntos afetarão a forma como antecipamos o futuro e até mesmo como vivemos agora. Mas não são essenciais no sentido de que cristãos fiéis podem discordar e ainda assim se reconhecerem como irmãos em Cristo.

Recapitulando esse primeiro princípio, a ideia de que a escatologia não é essencial só é verdadeira até certo ponto. Tratamos muitos detalhes escatológicos como secundários e passíveis de discussão amigável apenas porque todos os lados nesses debates ortodoxos concordam com os pontos essenciais. Jesus voltará em glória, os mortos ressuscitarão, Cristo julgará o mundo com justiça e o Seu reino será plenamente realizado para sempre. Essas são doutrinas essenciais, amplamente fundamentadas nas Escrituras e refletidas nos credos e confissões históricas. Elas protegem o que Paulo chama de nossa bem-aventurada esperança. Qualquer visão que invalide qualquer uma dessas doutrinas deixa de ser uma questão menor. Ela destrói a fé cristã em sua essência.

Portanto, a primeira maneira de discernir entre escatologia aceitável e inaceitável é perguntando: esta visão preserva a esperança cristã fundamental ensinada nas Escrituras ou a anula? Se a anula, devemos rejeitá-la. Se a preserva, as diferenças restantes, embora às vezes acentuadas, podem ser resolvidas com caridade e Bíblias abertas. Como o pai da Igreja primitiva, Agostinho, tão célebremente exortou:

“No essencial, unidade; no não essencial, liberdade; em todas as coisas, caridade”.

Precisamos de sabedoria para discernir quais questões são quais, e as Escrituras nos dão essa clareza sobre o essencial.

Alguém poderia responder: “Certo, entendo que algumas visões extremas, como o preterismo total, contradizem flagrantemente doutrinas fundamentais. Mas e as visões que afirmam esses princípios básicos e ainda assim são consideradas problemáticas por alguns? Não seria apenas uma questão de preferência pessoal nesse caso?” Isso nos leva à segunda lente avaliativa.

Coerência Teológica: Como uma Doutrina Afeta as Outras

A verdade cristã é um todo unificado. Podemos imaginar os sete pilares da teologia como partes de uma estrutura, como as vigas de uma casa ou as peças de um quebra-cabeça. Se uma peça estiver torta ou fora do lugar, pode desequilibrar toda a estrutura. Portanto, ao avaliar qualquer doutrina específica (incluindo uma visão sobre o fim dos tempos), devemos perguntar:

Como essa doutrina impacta outras áreas da fé? Ela se harmoniza com o fundamento do ensino correto estabelecido nas Escrituras, ou desestabiliza algo mais?

Como mencionado anteriormente, um caminho errado no início pode levar a conclusões muito equivocadas mais tarde. Em teologia, às vezes uma decisão interpretativa aparentemente pequena pode ter grandes consequências. Por exemplo, uma teoria escatológica incomum pode surgir de um erro hermenêutico (uma interpretação errônea das Escrituras, o que é uma questão de prolegômenos). Ou pode implicar uma compreensão diferente do reino de Deus ou do povo de Deus (uma questão de eclesiologia), ou alterar a natureza percebida da salvação (uma questão de soteriologia). Assim, mesmo que uma visão escatológica afirme as quatro doutrinas essenciais que listamos, devemos examinar se a adoção dessa visão força concessões em outras áreas doutrinárias. Se a adoção de uma determinada visão

sobre o fim dos tempos leva alguém a revisar ou negar alguma outra doutrina bíblica, isso é um sinal de alerta. Sugere que, em algum ponto, um caminho errado foi tomado.

Vamos considerar alguns exemplos para tornar isso mais concreto.

Dispensacionalismo. O pré-milenismo dispensacionalista afirma o retorno futuro de Cristo, uma ressurreição futura e um juízo final. Superficialmente, ele se mantém fiel a essas doutrinas escatológicas essenciais. No entanto, muitas igrejas da tradição reformada não aceitam a teologia dispensacionalista. Por quê? Porque esse sistema frequentemente distorce outras áreas da doutrina, especialmente a soteriologia e a eclesiologia.

O dispensacionalismo clássico traça uma nítida divisão entre Israel e a Igreja no plano redentor de Deus. Em suas formas históricas mais extremas, isso levou à ideia de duas alianças distintas ou até mesmo dois caminhos de salvação: um para Israel sob a Lei e outro para a Igreja sob a graça. A maioria dos dispensacionalistas modernos nega ensinar dois caminhos de salvação, mas a estrutura do sistema frequentemente implicava que os santos do Antigo Testamento eram salvos sob um arranjo fundamentalmente diferente do dos crentes do Novo Testamento. Mesmo em formas mais brandas, o dispensacionalismo tradicionalmente ensina que a era atual da Igreja é um “parêntese” no plano de Deus e que, após o arrebatamento, Deus retomará o relacionamento com Israel sob uma economia do tipo mosaico. Isso frequentemente inclui a expectativa de um templo reconstruído e a renovação dos sacrifícios de animais em um futuro reino milenar, mesmo que esses sacrifícios sejam descritos como meramente memoriais. Essa expectativa entra em conflito direto com a insistência do Novo Testamento na suficiência definitiva do sacrifício de Cristo. Hebreus 10:14 ensina que, por meio de uma única oferta, Cristo aperfeiçoou o seu povo para sempre, e Hebreus 10:29 adverte que retornar aos sacrifícios no templo equivale a pisotear o Filho de Deus. Se a escatologia de alguém prevê um

retorno aos sacrifícios de animais, um sério alerta teológico deve soar, pois isso mina a finalidade da expiação de Cristo.

Além disso, a distinção rígida entre Israel e Igreja no dispensacionalismo entra em conflito com o ensinamento bíblico de que Cristo derrubou o muro da separação e fez de judeus e gentios um só corpo (Efésios 2:14-16). Isso afeta a eclesiologia em um nível fundamental e pode levar à confusão sobre a natureza da Igreja e como aplicamos as Escrituras. Alguns dispensacionalistas chegaram a argumentar que partes dos ensinamentos de Cristo, como o Sermão da Montanha ou mesmo a própria Nova Aliança, são “para Israel, não para a Igreja”, o que altera profundamente a ética cristã e o discipulado.

Essas não são divergências menores; elas afetam a forma como entendemos a história da redenção, a salvação e a unidade do povo de Deus. Por essa razão, muitas igrejas confessionais não tratam o dispensacionalismo simplesmente como uma opção aceitável entre outras. Embora os dispensacionalistas afirmem o retorno e a ressurreição de Cristo, o sistema introduz reviravoltas interpretativas e teológicas que perturbam a coerência do evangelho. O destino, que é Cristo reinando em um reino milenar, pode parecer ortodoxo, mas o caminho percorrido introduz erros em hermenêutica, soteriologia e eclesiologia. Assim, as igrejas frequentemente afastam as pessoas do dispensacionalismo, não porque os dispensacionalistas sejam necessariamente descrentes, mas porque o efeito doutrinário geral do sistema é considerado prejudicial.

Hiperpreterismo (preterismo pleno). Já observamos que o preterismo pleno nega explicitamente doutrinas escatológicas essenciais e, portanto, está fora da ortodoxia. Mas, além desses erros óbvios, considere o quão profundamente ele distorce o restante da teologia.

O preterismo pleno exige uma reformulação radical da hermenêutica. Promessas e profecias que os cristãos ao longo da história entenderam como futuras são reinterpretadas como eventos passados, muitas vezes cumpridos de forma invisível. Isso mina a clareza das Escrituras. Os crentes comuns leem as Escrituras e veem promessas da vinda de Cristo e da ressurreição corporal. O hiperpreterismo insiste que esses eventos já ocorreram de uma maneira que ninguém poderia ver. Para sustentar essa afirmação, ele precisa adotar um método interpretativo altamente inovador ou alegórico que, na prática, sobrepõe-se ao sentido literal do texto. Isso desafia diretamente a perspicuidade (clareza) das Escrituras.

O preterismo total também mina a antropologia e a soteriologia. As Escrituras ensinam que a morte é o último inimigo a ser destruído (1 Coríntios 15:26) e que os crentes aguardam a redenção de seus corpos (Romanos 8:23). Mas se a ressurreição já aconteceu, a morte permanece invicta, visto que os crentes ainda morrem. O preterismo total é forçado a implicar que os crentes antes do ano 70 d.C. receberam alguma forma de ressurreição, enquanto os crentes depois do ano 70 d.C. não. A glorificação, um componente vital da salvação, é efetivamente abandonada nesse esquema.

A cristologia também é afetada. A igreja confessa que Cristo permanece para sempre encarnado, tendo ressuscitado corporalmente, ascendido corporalmente e prometido retornar corporalmente. Se a “vinda” de Cristo se cumpriu completamente no ano 70 d.C. por meio de um julgamento invisível, então Jesus jamais retornará em seu corpo humano glorificado. Isso contradiz Atos 1:11, que promete que “este mesmo Jesus” voltará. Isso introduz uma tendência sutil, porém séria, de minimizar a importância da encarnação corporal e da humanidade de Cristo.

A eclesiologia (a doutrina da igreja) e os sacramentos também são afetados. Se todas as profecias se cumpriram e a igreja agora existe no “estado eterno”, práticas como a Ceia do Senhor tornam-se

problemáticas, visto que a Ceia tem o propósito de proclamar a morte do Senhor “até que Ele venha” (1 Coríntios 11:26). De fato, alguns preteristas completos até mesmo abandonaram a observância da Ceia do Senhor por esse motivo. Recentemente, em um debate, o falso mestre Michael Sullivan foi questionado sobre a observância da Ceia do Senhor. Como um hiperpreterista, ele respondeu que tanto faz se participa ou não. Pense nisso! Um meio de graça sendo considerado algo opcional! Esse é o tipo de erosão doutrinária que o preterismo completo produz.

Em resumo, um erro doutrinário irradia-se para fora, afetando as Escrituras, a salvação, a cristologia e a igreja. O preterismo pleno não é meramente uma escatologia equivocada. Representa um sistema teológico fundamentalmente diferente. Falha em todas as frentes, negando doutrinas essenciais e desestabilizando as demais. É por isso que deve ser claramente identificado como heresia.

Em contraste, o preterismo parcial (às vezes chamado apenas de “preterismo”) afirma que algumas profecias se cumpriram em eventos como o do ano 70 d.C., ao mesmo tempo que mantém a perspectiva do futuro retorno de Cristo, uma futura ressurreição geral e um futuro juízo final. Os preteristas parciais permanecem dentro dos limites da ortodoxia cristã. Podemos discordar de algumas de suas interpretações, mas eles não abandonaram a estrutura da sã doutrina. O contraste entre o preterismo parcial e o preterismo completo torna a questão clara. Essas primeiras viradas interpretativas determinam se uma visão chega a um destino fiel ou se desvia para o colapso doutrinário.

Agora imagine a seguinte situação: alguém lhe apresenta uma teoria completamente nova sobre o fim dos tempos, algo que você nunca ouviu falar. Como você deveria lidar com isso?

Você pode avaliá-lo usando dois testes complementares:

Primeiramente, compare essa visão com as doutrinas essenciais da escatologia. Ela afirma o retorno futuro e corporal de Cristo? A ressurreição dos mortos? O juízo final? A nova criação que virá? Se a resposta para qualquer uma dessas perguntas for “não” (ou mesmo um hesitante “talvez não”), então essa visão já está fora dos limites aceitáveis. As Escrituras são claras nesses pontos, e negá-los coloca uma visão em um terreno muito perigoso.

Em segundo lugar, mesmo que uma teoria afirme esses pontos essenciais, analise-a retrospectivamente e externamente em busca de coerência teológica. Pergunte-se quais pressupostos sobre Deus, as Escrituras ou a redenção são necessários para chegar às conclusões dessa teoria e quais as consequências disso para outras doutrinas. É aqui que o “mapa” teológico mais amplo se torna relevante. Uma visão pode alegar manter a ressurreição ou o juízo nominalmente, mas apenas redefinindo-os de forma tão radical que a interpretação bíblica entra em colapso e as doutrinas centrais são esvaziadas de seu significado. Nesses casos, a conclusão pode soar ortodoxa, mas o caminho percorrido revela que ela não está verdadeiramente em consonância com a verdade bíblica.

Por outro lado, algumas divergências envolvem detalhes especulativos que não invalidam nenhuma verdade fundamental. Questões sobre a identidade de certas figuras no Apocalipse ou a ordem de determinados eventos do fim dos tempos podem ser pouco convincentes ou estranhas, mas não necessariamente chegam ao nível de heresia. Lidamos com essas questões recorrendo juntos às Escrituras, incentivando a humildade e recusando-nos a deixar que ideias especulativas obscureçam o ensinamento claro. Permitimos a diversidade onde a própria fé não é ameaçada.

Os próprios apóstolos exemplificaram esse equilíbrio. Paulo tolerava divergências em questões secundárias, como leis alimentares e dias santos (ver Romanos 14), mas era intransigente quando o próprio evangelho estava em jogo. Em Gálatas 1:8-9, ele proferiu

uma maldição sobre qualquer pessoa que pregasse um evangelho diferente. Em 1 Coríntios 15, ele tratou a negação da ressurreição como um ataque direto à fé, chamando a ressurreição de Cristo e dos crentes de “primeira importância” (1 Coríntios 15:3-4, 12-19). Da mesma forma, o apóstolo João podia exortar os crentes ao amor e à hospitalidade (3 João) em pequenas divergências, mas também escreveu:

“Se alguém vier a vocês e não trazer esse ensino (a verdadeira doutrina de Cristo), não o recebam em casa”.

(2 João 1:10)

O “ensino de Cristo”, no contexto de João, incluía verdades fundamentais sobre a identidade de Jesus (por exemplo, que Ele veio em carne, 2 João 1:7) e, por extensão, tudo o que Cristo ensinou. As Escrituras distinguem consistentemente entre diferenças que podem ser toleradas e erros que devem ser firmemente combatidos.

A escatologia segue esse mesmo padrão. O Novo Testamento enfatiza repetidamente o retorno de Cristo, a ressurreição e o juízo final como componentes centrais da nossa esperança. Paulo lembra aos crentes que a própria Ceia do Senhor proclama a morte de Cristo “até que Ele venha” (1 Coríntios 11:26). Pedro insiste que o aparente “atraso” no retorno de Cristo não é uma falha da promessa, mas uma oportunidade misericordiosa para o arrependimento, porque o juízo vindouro e a nova criação são certos (2 Pedro 3:7-13). Ao mesmo tempo, as Escrituras deixam mistério quanto ao momento e aos detalhes desses eventos. O próprio Jesus disse que os tempos e as épocas não nos competem conhecer (Atos 1:7). Os cristãos podem divergir sobre como o futuro se desenrolará, mas não sobre o que acontecerá no fim.

Essa compreensão também responde a qualquer acusação de inconsistência no que consideramos “essencial”. Permitimos discordâncias entre, digamos, amilenismo e pós-milenismo porque

essas visões concordam nos pontos essenciais e não comprometem outras doutrinas centrais. Rejeitamos o preterismo total porque ele nega esses pontos essenciais e desestabiliza a fé como um todo. Em outras palavras, a escatologia é uma área “não essencial” apenas até o ponto em que não contradiz o que as Escrituras colocam no cerne do evangelho. Quando uma visão escatológica ultrapassa esse limite, torna-se heresia.

Conclusão

Em conclusão, embora a escatologia possa vir por último no esboço teológico, ela completa a estrutura. Se o “fim” for distorcido, o restante da teologia acabará por se desestruturar. O Novo Testamento trata o retorno de Cristo e a ressurreição não como ideias opcionais, mas como fontes de perseverança, santidade e esperança para os crentes. Por exemplo, após explicar a certeza da ressurreição, Paulo conclui:

“Portanto, meus amados irmãos, sejam firmes e inabaláveis, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão”.

(1 Coríntios 15:58)

Essa confiança, de que o nosso trabalho não é vão, provém diretamente da verdade da ressurreição (veja todo o capítulo 15 de 1 Coríntios).

Se você tirar a ressurreição futura, o sofrimento por Cristo ou a dor da perda de entes queridos repentinamente perdem a esperança (1 Tessalonicenses 4:13-14). Da mesma forma, Tito 2:12-13 diz que devemos viver retamente “na presente era, aguardando a bendita esperança”. Se você remover essa bendita esperança, quanta motivação e consolo se perdem! Essas coisas são realmente importantes para a maneira como vivemos e perseveramos na fé.

Ao mesmo tempo, abordamos assuntos secundários com humildade e caridade. O fato da volta de Cristo está revelado; o

momento exato, não. A promessa de uma nova criação é certa; muitos detalhes sobre o fim dos tempos permanecem em debate. Lidamos com essas discussões como irmãos e irmãs, não como inimigos. Um dia todos teremos uma compreensão perfeita da escatologia. Até lá, nos unimos em torno daquilo que as Escrituras deixam absolutamente claro.

Onde as Escrituras falam claramente, devemos ser firmes. A história mostra que grandes erros sobre a ressurreição ou a vinda de Cristo podem abalar a fé das pessoas. A igreja é chamada a guardar o rebanho, não por aspereza, mas por amor à esperança do evangelho que nos foi confiada.

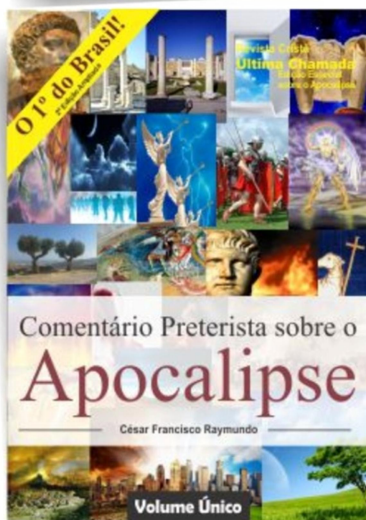
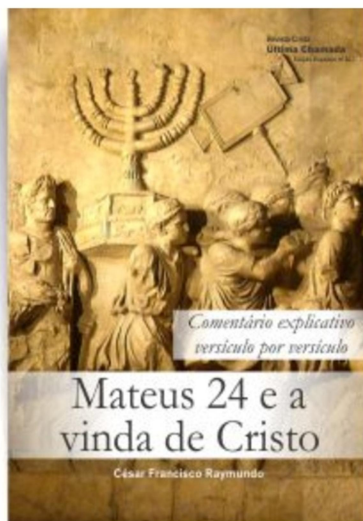
Essas verdades importam porque são promessas do nosso fiel Salvador. Jesus voltará para buscar o Seu povo. Os mortos em Cristo ressuscitarão. O mal será julgado. A criação será restaurada. Deus habitará com o Seu povo para sempre. Esta é a nossa bendita esperança, e jamais devemos trocá-la por qualquer teoria que diminua a Cristo ou esvazie as Suas promessas.

Portanto, façamos uma distinção cuidadosa entre pequenas diferenças e grandes divergências. Podemos debater as primeiras com paciência. Devemos permanecer unidos contra as últimas. E em todas as coisas, voltemos às Escrituras, mantendo firme a esperança que engrandece a Jesus Cristo, desde a cruz e o túmulo vazio até os novos céus e a nova terra.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?